

# **JOEL**

Pedro Silva Sena

<http://oscontrabandos.blogspot.com/>

«Deixe-me ir  
preciso andar  
vou por aí  
a procurar  
rir para não chorar»

(Cartola)

Acerca deste acontecimento sabe-se e viu-se quase tudo: o clarão estrondoso das consequências. Sexta-feira, Joel sai da redacção à tarde, nem alegre nem murcho – «Ele pareceu-me bem, pelo menos não se queixou de nada...», testemunha uma colega –, regressa a casa no seu Fiat 127 vermelho (um milagre de oficina), deita-se na cama e adormece. Nas primeiras horas dessa noite ninguém sabe, necessita ou pretende saber onde está Joel. Alex e João, os companheiros de casa, estão a jantar fora; Mariana, a namorada, também está a jantar, em família, e não lhe ligará porque discutiram três dias antes; os amigos e as amigas que tem na cidade não vão convidá-lo, ou ser convidados por ele, para os respectivos planos nocturnos, por várias razões – formando estes factos isolados uma coincidência assinalável. Nessa madrugada, aos primeiros chilreios tímidos nas ramagens do abacateiro e das laranjeiras do jardim, a fechadura trinca e a porta chia uma só vez. Alex e a sua seduzida entram, acendem a luz do quarto, espalham passos lentos pela casa, mexem em coisas, ciciam, há risinhos abafados, fecham a porta – e após um silêncio, a sedutora terá desprendido as pétalas do gozo. Pelas duas horas da tarde, ainda remelento e amodorrado, Alex entreabre a porta do quarto de Joel e espreita-o: dorme sereno e oblíquo sobre a cama, vestido, como se abatido pelo cansaço e pelo sono. Quando João chega a casa, já o sol de Maio ia em mergulho sobre o Jardim Botânico, Alex está em passeio por Sintra, onde vai passar a noite. João também perscruta, despreocupado, o dormir ressonante de Joel, também deduz que este chegara havia pouco tempo, também lhe respeita o descanso evitando acordá-lo.

Ninguém se apercebeu do seu descanso exagerado antes da moleza indisposta da tarde de Domingo – é a esgarabulhice do fim-de-semana, são as ressacas frequentes, os sonos de pedra, as noites varadas em claro a trabalhar, a jogar no computador, a ver filmes. Então, nessa tarde pastosa, depois de verificarem que ainda dormia, começaram a atirar piadas para dentro do quarto, a pôr música a berrar, a chamar-lhe a atenção para o filme a que iam assistir, para a broca que estavam a fumar. Nada, silêncio, suspeita, acção: quando, após várias tentativas violentas de lhe forçar a consciência, plasmaram o espanto pasmado com o receio alucinado, decidiram chamar uma ambulância, Qual é o número agora pá?! A dita irrompeu a ginchar pela Calçada de Santana abaixo no seu aparato aflitivo e luminescente azul, Ai meu

Deus, o que terá acontecido? Gente à porta, à janela, à esquina. O Beco dos Birbantes – pavimentado de alcatrão como um sinapismo aplicado numa das rugas da cidade – em sobressalto, pantufas e robe. No cerne do alvoroço alarmado, os socorristas encontraram Joel num sono plácido, exalando como um corpo vivo há muito sem gel de banho exala. Há quanto tempo o vosso amigo está assim? Há um dia e meio, pelo menos... Maca com ele – desceu a calçada, ziguezagueou –, Hospital de São José. Numas das salas monásticas do dito hospital, o assombro; agita-se o pessoal interno e o internado, o zunzum chega às salas de espera, alguém telefona para alguém que telefona para alguém, É pá, ‘tá’qui um gajo que está a dormir há uns poucos de dias e ninguém o consegue acordar... A namorada é informada e acorre. Alguém de bata lembra-se, com um sorriso a forçar os músculos da boca, da Branca de Neve, mas os encantos só se desencantam nos livros.

A redacção foi imediatamente informada do acontecido e do desconhecido, Quero uma equipa com o Joel, já! Mal sabia o gajo que nos ia dar um furo destes! Foda-se, eu é que não queria dar nas vistas desta maneira... A notícia salta antenas e escorrega pelos cabos, Para o Jornal das Oito, qual é o estado clínico deste jovem? O senhor Joel Mendes deu entrada nas urgências deste hospital, hoje de madrugada, num estado de inconsciência não comatosa. Gostaria de acrescentar, no entanto, que é impossível, neste momento, confirmar qual a origem do seu quadro clínico. É tudo o que tenho a dizer, boa noite.

- Eu cá p’ra mim é droga.
- Olha olha, não me admirava, essa gente anda pá’í cheia de merda...
- Aquilo foi uma ôvredose...
- Não, esta história cheira-me a coca, a malta das redacções...
- É só da branca!...
- Iá, o tipo snifou o risco... (riso)

A tese de intoxicação por substâncias ilícitas impôs-se a partir do momento em que fontes anónimas, dentro do hospital e fora dele, confirmaram o consumo regular de marijuana e de haxixe. “Quem é o Joel?” A questão aprofunda-se e compõe-se, peça a peça, uma explicação: «Joel é um jovem desenraizado, entre França, a Beira Alta e Lisboa, sem oportunidades no lugar de onde partiu e sem perspectivas no lugar onde chegou» (editorial do *Diário*

*Nacional*); «um freelancer a recibos verdes, com ar de desmazelo controlado e um corte de cabelo moderno, muito à Bica» (reportagem da revista *Actualidade*). O Estado, por sua parte, põe-se em campo pela segurança pública, não vá o mafarrico tecê-las, costurá-las e cosê-las, pois quando um governo tem azar até a Natureza faz oposição, O Joel é um indivíduo impecável garanto-lhe, competente, bem-disposto, muito sociável, mas nunca consumiu drogas pesadas... Pode garantir que ele nunca consumiu estupefacientes? Não posso dizer nunca, ele fumava canabináceas, no máximo... Canabináceas? Sim, haxixe, erva, psicotrópicos... Mas diga-me senhor agente, encontraram alguma coisa lá em casa? Há quanto tempo ele vivia convosco? Há três meses. E vocês davam-se bem? Sim, perfeitamente. Nunca tiveram conflitos então? Bem, quando se partilha uma casa há sempre problemas, é a conta para pagar, a casa de banho para limpar, a louça suja... O Joel era muito cordial, era fácil chegar a um consenso entre nós, eu diria até que ele se tornou o fiel da balança lá em casa. Ele vivia sozinho antes de se mudar para a vossa casa? Não, vivia com um colega de redacção. E porque é que se mudou, discutiu com o colega, devia-lhe dinheiro? Não, ele teve que sair porque o colega queria viver lá com a namorada...

Estranhava-se já a ausência de familiares, pais, avós, irmãos, tios ou primos: nenhum familiar visitara ainda o paciente mais famoso do país; ninguém contactara as redacções para depoimentos, para ameaças, para processos de difamação. Uma equipa de reportagem rodou até à Beira Alta e descobriu o que Joel havia mantido privado e o que a polícia científica já sabia:

## **JOEL É ÓRFÃO**

**PAIS DE JOEL MORRERAM NUM  
ACIDENTE AUTOMÓVEL HÁ 20  
ANOS**

## ELES VINHAM DE FRANÇA

### AVÓS DE JOEL MORRERAM RECENTEMENTE

Uma semana e três dias. O turbilhão voraz das redacções sensacionalistas empolga-se em parangonas e aberturas de serviço noticioso, desenvolvem-se em torno de Joel dois estereótipos concorrentes: o do ‘toxicodependente’ – leia-se *irresponsável e fraco*, ou seja, responsável pelo seu próprio infortúnio, incapaz de resistir ao adverso ou aos modos de sociabilidade do seu «meio» – e o do ‘órfão’ – aluno invulgarmente exemplar e inteligente, de trato afável e cioso, trazido em fraldas dos arredores de Paris há vinte e sete anos, acabado de educar pelos avós. E o seu sono, tão profundo como uma raiz? O canal de televisão de maior audiência transmite uma reportagem exaustiva, biográfica e especulativa, para cujo debate se reuniu um painel diverso: um clérigo serenamente sem reservas, um neurologista radicado no estrangeiro, uma psicóloga estreada numa revista feminina, um sociólogo ministeriável, um antropólogo de renome, um escritor premiado e a vencedora de um reality-show bastante popular, Eu acho que o Joel pa’ ‘tar há tanto tempo assim deve tê’ tido um desgosto muito grande, não é, pa’ ‘tar assim é preciso tê’ sido um desgosto muito grande, É lamentável que os jovens de hoje estejam na vida sem valores, abraçando o hedonismo, o pessimismo, o consumismo cego, afastados da esperança, surdos para a mensagem de Cristo, Eu não conheço estatísticas relativas a fenómenos como este, pura e simplesmente não existia até há poucos dias! Ou pelo menos nunca foi reconhecido até hoje... Adormecer e não acordar, por mais estímulos e técnicas que se empreguem, é um fenómeno clínico – e quem sabe social – completamente desconhecido, O que eu posso afirmar, com base na informação que os meios de comunicação têm divulgado, é que o Joel não sofre de qualquer hematoma, tumor, traumatismo craniano, coma ou acidente vascular cerebral. E repito, à luz do conhecimento neurológico actual nós não podemos explicar o que está a acontecer a este jovem aparentemente saudável: ele está apenas a dormir mas é-lhe impossível acordar,

simultaneamente é impossível acordá-lo, Eu diria, pegando no que o Henrique disse, que este indivíduo está num estado anímico de suspensão total de consciência, quero com isto dizer o quê, quero dizer que ele está atravessar um processo de recusa que ignoramos... Porventura faz sentido o que estava alguém a dizer há bocado, ou seja, a hipótese de um trauma psicológico, porque só um trauma qualquer, de uma natureza que ainda desconhecemos, pode justificar este sono interminável, De qualquer forma não posso deixar de registrar que o país está distraído, distraído dos seus problemas reais com esta história bizarra que, no meu entender, só nos diz respeito até a um determinado limite... Ou seja, a partir do momento em que esta história nos pode dizer alguma coisa sobre a sociedade em que vivemos, Senhores telespectadores, o nosso programa está a terminar, da parte da nossa equipa e da direcção deste canal, gostaríamos de deixar votos sinceros de melhoras para Joel Mendes. Sabia-se agora demasiado sobre a sua vida: onde vivia, onde trabalhava, com quem vivia, com quem namorava, o que fazia durante o tempo livre, os bares que frequentava, as praias de que gostava, a música que apreciava, os livros que lia, as ideias e os valores que defendia e aqueles que abandonara, et cetera. E enovelavam-se hipóteses acerca do que lhe teria acontecido: intoxicação por estupefacientes? Doença? Congénita ou infecciosa? Fatalidade genética indetectada? Sintoma depressivo agudo? Acto (de algum modo) voluntário?

E o país boquiaberto, enternecido, idosas surpreendidas nas ruas lacrimejavam, Coitadinho, ele tem aquele defeito n'ê, mas não merecia uma coisa daquelas... (voz entrecortada por soluços de emoção crescente), dramatismo hiperbólico, campanhas de solidariedade com conta aberta, facto isolado e por solucionar transformado em tragédia de audiência absoluta e fiel. O país político agita-se sob o peso de uma culpa que podia desabar a qualquer momento e atamanca debates sobre a qualidade de vida nas cidades, os problemas da habitação, o desemprego, a precarização do trabalho, o Estado-Providência, a economia internacional globalizada. A namorada de Joel em entrevista, sucessivamente... (contristada) O Joel não merece isto... Não percebo porque é que isto lhe foi acontecer... Os comentadores mais literatos digladiam-se filosoficamente sobre a hipótese do paroxismo de uma «Geração X», Douglas Coupland para trás, Irvine Welsh para diante; os

cientistas sociais, os comentadores políticos e os filósofos procuram respostas na «condição pós-moderna», no «capitalismo selvagem», na «corrosão do carácter», um mês de especulação. E o país opinoso, vociferante, A mim não me convencem, tenho vinte anos de experiência de hospitais, a trabalhar em ambulâncias, já vi muitos a chegar nas últimas, a espumar p' a boca, aquilo foi droga, escreva isso senhor Guedes, se não foi naquele dia foi antes, Mas eles disseram que não foi droga, Nem trombose, E vocês acreditam? Esses cabrões são com' à CIA, metem o bedelho em tudo e só dizem o que querem, Ó moça, largue isso da mão, deviam é ir atrás desses gatunos que não pagam impostos, E os pedófilos? O país estrutura verbal, comunidade agitada. Mas a verdade seja dita quando se deve dizer, o caso era complexo, clínico, científico, ético, deontológico, político, social, filosófico e em breve judicial, porque quando não há morte e tremeluz a vida, quando não existe uma família reclamante e responsável, quando não se identifica um causa nem se assina um diagnóstico, o pânico instala-se nas instituições e nas consciências.

Joel a dormir andou pelo mundo, que é tão pequeno, melhor dito por eufemismo, globalizado: excitam-se os correspondentes, as reportagens sobre a sua condição espalham-se pela Europa, pulam sobre o Canal da Mancha saltam o Mediterrâneo, atravessam o Atlântico, Now the dramatic story of a Portuguese journalist laid in a hospital bed since last May, sleeping... Há quem crie a página pessoal de Joel em cada uma redes sociais da rede – às quais se associam milhares e outros milhares mais. Será o país novamente o laboratório (desta feita «social») da Europa? As comunidades de emigrantes emocionavam-se com sotaque, aqui pondera-se aceitar o convite de um hospital dos Estados Unidos da América, que, graciosamente, tentará reanimar Joel, ao mesmo tempo que a ciência escarafuncha dentro da mente humana, ao mesmo tempo que a publicidade rende, ao mesmo tempo, cá, o hospital e a opinião pública sacodem a água do capote, querem passar a batata quente, lavar as mãos, encolher os ombros, «não podemos fazer mais nada por Joel Mendes, o país não investe em investigação científica» (declarações do director do hospital em entrevista). Agora só faltava o avião ser desviado e o desgraçado morrer num ataque terrorista... Credo! Que ideia é essa homem?! Anedotas acerca de Joel circulam nas conversas, nas mensagens de telemóvel, nos e-mails, nos fóruns, Já sabes esta? O Joel acorda na cama do hospital e

perguntam-lhe como é que ele se sente, e ele responde, Sinto-me em casa... (riso), Pergunta um jornalista a um transeunte, O senhor sabia que vão convidar o Joel para fazer parte do governo? Porquê? Pergunta o transeunte, responde o jornalista, Pelo estado em que ele está... O país ridente, vocicástico. Os tribunais supremos foram chamados a esclarecer o assunto escurecido: Joel Rodrigo da Silva Mendes, apesar de cidadão maior, e na ausência de responsáveis ou de tutores, é finalmente entregue à custódia do Estado.

Entretanto, um grupo de cidadãos de boa consciência dedica-lhe o centésimo sítio e lança um abaixo-assinado mediatizado para impedir a sua transferência para o estrangeiro, cama por cama, máquina por máquina ou risco por risco, é preferível e questão de orgulho aguentá-lo cá. Um encenador quase desconhecido escreve e produz uma peça acerca de Joel, homónima. Um êxito, apesar de meio país estar estendido na areia. Um êxito não, dois: o documento supracitado é entregue à Assembleia da República, é organizada uma comissão parlamentar de acompanhamento, o ministro competente compromete-se «competentemente» a analisar o dossiê. Não há cão nem gato que não discorra sobre a matéria, Tanto burburinho e o sacana a dormir, olhem qu'esta hein? É como dizer: fossem resolvidas as questões prementes do país de um modo tão célere como foi decidido, em sede de justiça, impedir a viagem deste corpo flácido e deste espírito incerto, Valha-me Deus, ò tempo que esta gente anda p'ráqui às óchas com este rapaz, É deixá-lo estar sinhore, Deus não dorme, ele um dia acorda, gargalhada, inveja intersticial, fastio, os anti-corpos da indiferença a replicarem-se. O tempo não tem descanso, é o que mostra o desassossego dos relógios, são as contas feitas nos calendários eróticos de barbearia, nos escritórios das minudências mais ou menos necessárias, nos ecrãs das bolsas de valores, nos centros de atendimento telefónico: se acochado devora.

Joel é internado noutra hospital, privado de fresco, três meses já lá passados, de enxoval as máquinas próprias, oferta solidária. Entretanto e entretudo, a namorada desistiu de acompanhá-lo, tem os exames académicos e um programa televisivo em canal de cabo para apresentar, há que seguir a vida e a de Joel hesita. Entretanto, o Estado respira de alívio ao constatar-se que mais ninguém adormecera misteriosamente, É que não dava mesmo jeito,

ainda por cima agora que as eleições se aproximam. Entre tanto e tão pouco, o país esquece-o na enxurrada transmitida (ora com euforia e ora com indignação), as preocupações colectivas mudam, epidérmicas, susceptíveis, manipuláveis, tema estafado, não há fartura que não dê em enjoio. Mas as almas caridosas não desmobilizam, continuam a deixar-lhe à cabeceira ramos de flores, postais com votos de saúde, pagelas, continuam a depositar placas de mármore votivo e a acender velas, velinhas e velões aos pés do Doutor Sousa Martins – hirto de bronze sobre o Campo dos Mártires da Pátria, de costas para a Faculdade de Medicina –, a organizar missas condoídas, a rezar Terços, Pai-Nossos e Avé-Marias, sentadas, derreadas diante do jovem imóvel. Ano novo, desnecessário completar. O dinheiro altruísta, o dinheiro católico e o dinheiro público, junto já não é suficiente para pagar a conta, o Estado que desembolse tudo: um despacho ministerial agenda-lhe o internamento em serviço público, a coincidir com o aniversário do adormecido; as notícias acabam a gotejar, telegráficas, dói moer esta história, Nunca mais ouvi falar daquele gajo que adormeceu... Acerca deste acontecimento que ainda está a acontecer sabe-se quase tudo: Joel deixou a redacção à tarde, não ia alegre nem triste, regressou a casa no seu Fiat, e pelo que disseram os seus companheiros de morada, deitou-se sonoramente na cama e adormeceu.

Janeiro 2006 / Abril 2010